

Cultura Hip Hop. Identidade e Sociabilidade: Estudo de Caso do Movimento em Palmas

Rose Mara Vidal de Souza*

Índice

1	Introdução	1
2	Tribos Urbanas	3
2.1	Raízes do movimento	3
2.2	Crise de identidade nas metrópoles	4
2.3	O Tribalismo	4
3	O Movimento <i>Hip Hop</i>	5
3.1	O <i>Hip Hop</i> nos Estados Unidos .	6
3.2	O <i>Hip Hop</i> no Brasil	6
4	Sobre A Microtribo de Palmas	7
4.1	A Última Capital Planejada do Século	7
4.2	Histórico dos Grupos	8
4.3	Identificação dos Grupos	9
5	Considerações Finais	10
6	Referências bibliográficas	12

Resumo

Apresenta o movimento *hip hop* de Palmas enquanto uma possibilidade de contestação e expressão identitária dos grupos juvenis urbanos através da comunicação independente, sem a participação da mídia de massa. Nesse sentido, esta pesquisa, perpassa pela identificação dos grupos de *hip hop* em

*Jornalista, professora do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Tocantins, Assessora de Comunicação do Governo do Tocantins. E-mail: rosevidal@yahoo.com.br

Palmas, suas formas de comunicação e contextualização da história do movimento e suas reivindicações. Utiliza de pesquisa bibliográfica, entrevistas estruturadas com coleta de dados, fotos e imagens. Conclui-se que o movimento *hip hop* em Palmas, apesar de incipiente, é uma tribo urbana e está inserido dentro de um novo conceito de comunicação e resistência social e cultural.

Palavras-chave: Palmas; Cultura Urbana; *Hip Hop*.

1 Introdução

O mundo está em constantes transformações sociais, econômicas e políticas. Entre elas, na pós-modernidade, a fragmentação dos grupos sociais, definida por Mafessoli (2001) como o fenômeno das tribos urbanas. O tribalismo pós-moderno tem como característica principal a desafeição pelas grandes instituições sociais, como partidos políticos, governos e sindicatos, dada a inércia destes em atender aos apelos das comunidades. Essa fragmentação da sociedade pós-moderna tem provocado crise de identidade nos indivíduos. Até a modernidade a razão dominava, mas atualmente a emoção e o afeto são priorizados nesses grupos gregários

que convivem com valores e sentidos culturais próprios das grandes cidades.

Nesse contexto, as tribos urbanas e seus movimentos, que se proliferam, principalmente nas metrópoles, tentam expressar pela emoção o sentimento de fratria na busca de uma identidade. Os membros dessas tribos são esteticamente semelhantes, com roupas iguais, adereços, gosto musical, ideologia política e social. Assim, identificam uns aos outros na heterogeneidade das massas urbanas.

São metaleiros, clubbers, punks, emocores etc, subgrupos sociais, verdadeiras tribos que formam o espaço urbano. Entre elas está o movimento *hip hop*, que apesar de ter raízes coloniais, transformou-se em um marco da geração pós-moderna.

Este trabalho de pesquisa *Cultura hip hop – identidade e sociabilidade: estudo de caso do movimento em Palmas* - apresenta o movimento na capital do Tocantins, norte do país. A pesquisa se divide em quatro etapas: no primeiro momento contextualiza os fatos históricos e culturais. A seguir traça-se o parâmetro do movimento *hip hop* e suas características pós-modernas (neo-tribalismo). O trabalho foi teoricamente embasado nas reflexões de Hall, Canclini, Maffesoli, Diógenes, Pimentel, Scandiucci e outros.

A terceira etapa mostra o *hip hop* enquanto cultura urbana, como surgiu nos guetos nova iorquinos dos anos 60, com o jamaicano Afrika Bambaataa. O desenvolvimento nos Estados Unidos da América, detalha os quatro elementos que compõem essa cultura (MC, DJ, Break e Grafite), além das influências latina e européia. Mostra que o movimento *hip hop* perdeu suas características originais ideológicas nos E.U.A. Como a cultura das ruas foi transformada em pro-

duto de massa, evoluindo para 25 gêneros, onde um dos gêneros, o gangsta rap, vende milhões de discos por ano. As letras, em sua maioria, fazem apologia ao sexo, drogas e violência, diferentemente daqui do Brasil, onde a ideologia política e o anonimato dos artistas são características marcantes do *hip hop* tupiniquim.

A cultura *hip hop* brasileira não possui mais que duas décadas, no entanto, apesar de existir uma tendência de apropriação de alguns símbolos da cultura negra internacionalizada – como as roupas - dando a impressão de um movimento globalmente mais uniforme, a realidade é bem diferente nas terras nacionais. Os temas centrais do *hip hop* brasileiros são inspirados no cotidiano vivido: a falta de escola, emprego, saúde e lazer.

Na última etapa da pesquisa o movimento *hip hop* é diagnosticado em Palmas. A última cidade planejada do século, apesar de ter 18 anos, possui problemas de velhas capitais. O crescimento desordenado do perímetro urbano resulta em periferias com características de favelas, como falta de saneamento básico, energia, escola e postos de saúde. A pesquisa detecta a existência de 19 grupos de *hip hop*, sendo 10 grupos moradores da região norte e 9 da região sul. Baseado em entrevistas e questionários, foi traçada uma análise do perfil da identidade e da sociabilidade dos *hip hoppers* palmenses.

A hipótese levantada é que o *hip hop* em Palmas ainda está distante da identidade do movimento *hip hop* nacional, ou seja, não possui as características de uma cultura de resistência do suburbano.

O resultado deste trabalho poderá contribuir como referência para todas as pessoas que procuram entender a identidade e soci-

abilidade do movimento *hip hop* em Palmas no mundo pós-moderno.

2 Tribos Urbanas

2.1 Raízes do movimento

Apesar de ter suas raízes na diáspora negra, o movimento *hip hop* faz parte das chamadas “tribos urbanas”; porém para se entender o que são “tribos urbanas”, faz-se necessária uma volta ao tempo, fazendo um apanhado das origens das cidades, o berço do referido movimento. A cidade foi o ponto de partida para o desenvolvimento das primeiras civilizações (palavra que vem do latim, “*civitas*”, mesma raiz de cidade), da escrita, dos sistemas de comércio, do dinheiro, da estratificação e hierarquias sociais (clero, nobreza, povo, etc.), da religião e da educação organizada, da agricultura sistemática, e de muitas outras coisas mais (SABBATINI, 2000, on-line).

O surgimento dos conglomerados urbanos é um fato histórico, geográfico e, acima de tudo, social. Com seu aparecimento se dá o fim da pré-história, já que no início a sociedade primitiva não desenvolveu cidades, mas apenas aldeias rurais (as chamadas “protocidades”), que não eram fixas e mudavam de lugar com a exaustão do solo, época que compreendeu especialmente os períodos paleolítico, mesolítico.

Com a criação das cidades veio a necessidade de buscar novas áreas para colonizar. A Revolução Industrial contribuiu para o crescimento populacional e acelerou o êxodo rural, determinando o aparecimento das grandes cidades industriais, como Londres e Paris. Com a urbanização e os aglomerados humanos vieram também as problemáticas so-

ciais como desemprego, falta de saneamento básico, habitação e educação de má qualidade. (HISTÓRIA..., 2006, on-line).

Todo esse contexto culminou para que a população procurasse novas frentes de trabalho. Assim, a América recebeu milhões de imigrantes europeus. No Brasil, centenas de pessoas desembarcavam no porto de Santos, em busca de trabalho nas fazendas de café ou nas fábricas têxteis.

Anteriormente esses postos de trabalho eram ocupados pelos negros trazidos do continente africano. Só que em regime de escravidão. Por volta de 1550 foram trazidos para a América os primeiros negros. Até 1850, quando o tráfico de escravos tornou-se ilegal, estima-se que tenham sido trazidos cerca de 3,6 milhões de africanos somente para o Brasil. Eles vinham nos “tumboiros”, ou “navios negreiros”, amontoados, em condições desumanas, muitos morriam antes de chegar ao Brasil, sendo que os corpos eram lançados ao mar. Aqui chegando, os negros eram “armazenados” em um barracão a espera de que fossem vendidos (ESCRAVIDÃO..., 2006, on-line).

Enquanto a revolução industrial acontecia na Europa, aqui, nas Américas, os escravos eram tratados da pior forma possível. Trabalhavam sete dias na semana e sem horário estipulado, recebendo apenas trapos de roupa e alimentação precária. No Brasil, o povo negro ainda era obrigado a seguir a religião católica, imposta pelos senhores de engenho, e a adotar a língua portuguesa na comunicação. Escondidos, realizavam seus rituais, praticavam suas festas, mantiveram suas representações artísticas e até desenvolveram uma forma de luta: a capoeira (ESCRAVIDÃO..., 2006, on-line).

Em meados do século XIX, precisamente

em 1863, o então presidente dos Estados Unidos, Abraham Lincoln, decretou a abolição da escravatura. No Brasil, em 13 de maio de 1888, através da Lei Áurea, se estabeleceu liberdade plena aos negros no Brasil. Esta lei, assinada pela Princesa Isabel, abolia de vez a escravidão no Brasil, a última nação a adotar o sistema nas Américas (ABOLIÇÃO da Escravatura, 2006, on-line).

A abolição da escravidão, apesar de garantir a liberdade, não alterou em nada as condições socioeconômicas dos ex-escravos, que continuaram a viver, de uma forma geral, na pobreza, sem escolaridade e sofrendo com a discriminação. (ES CRAVIDÃO no Brasil, 2006, on-line).

Vinte e sete anos após a abolição, ou seja, por volta de 1890, nascia em New Orleans (cidade do sul dos EUA), um novo ritmo derivado do *blues* e da música européia: o *jazz*. (PIMENTEL, 1997, p.32).

No entanto o que influenciou o movimento *hip hop* foi o *soul*. Som que surgiu também nos anos 1960. Em seguida outro ritmo afro-descendente surgiu: o *funk*. A agressividade das letras immortalizadas na voz de James Brown. O solo musical do *hip hop* saiu justamente desses dois componentes: o *soul* e o *funk*. (PIMENTEL, 1997, p.06).

2.2 Crise de identidade nas metrópoles

A formação e afirmação das cidades “grandes” (metrópoles), enquanto habitat de grupos sociais trouxe inúmeros problemas inerentes às novas formas de sociabilidades. Entre eles a fragmentação dos grupos, convencionalizado a partir de 1970 de “tribos urbanas”, cujos indivíduos constantemente pas-

sam por uma crise de identidade. (MAFFESOLI, 2006)

O processo de globalização estabelece uma nova relação entre as culturas locais e a cultura global. A disseminação da cultura mundializada influencia os padrões de comportamento. Segundo Hall (2004) uma “crise de identidade” que resulta das amplas mudanças provocadas pelas novas estruturas sociais que estimulam uma reestruturação ou mesmo reinvenção da identidade cultural. Há uma busca das particularidades e o senso de diferença se intensifica cada vez mais em todas as regiões do planeta. Podemos observar que atualmente o consumo mundial é baseado num só modelo vindo de uma determinada ordem. (HALL, 2004, p. 7).

2.3 O Tribalismo

Segundo Maffesoli (2006), a sociedade está entrando em um novo paradigma cultural, deixando para trás os traços da chamada Modernidade e adotando um ponto de vista mais emotivo, hedonista, dionisíaco em relação ao mundo. Antes de ser político, econômico ou social, o tribalismo é um fenômeno cultural. Verdadeira revolução espiritual. Revolução dos sentimentos que ressalta a alegria da vida primitiva, da vida nativa. Revolução que exacerba o arcaísmo no que ele tem de fundamental, estrutural e primordial. O Tribalismo está muito afastado dos valores universalistas ou racionalistas, próprios aos detentores dos poderes atuais.

O tribalismo lembra, empiricamente, a importância do sentimento de pertencimento, a um lugar, a um grupo, como fundamento essencial de toda vida social.

É uma constatação empírica. Estamos

notando em vários lugares uma certa desafeição pelas grandes instituições sociais, como os partidos políticos e os sindicatos. Em cidades grandes como o Rio ou São Paulo, as pessoas estão se reagrupando em microtribos e buscando novas formas de solidariedade, que não são encontráveis necessariamente nas grandes instituições sociais habituais (MAFFESOLI, 2001, p.02).

O tribalismo é a volta a elementos que a modernidade julgava ultrapassados, arcaicos, fundamentais, com um humanismo muito forte, uma verdadeira solidariedade juvenil, uma nova fraternidade. Tribalismo é um novo humanismo, mais completo, rico, em que o trabalho tem o seu lugar, mas ao lado do prazer, da estética, da criação (Maffessoli, 2006).

Scandiucci (2005) diz que não é sempre regra – e é bom destacar este fato -, mas pertencer a um grupo, pode fortalecer a autoestima do indivíduo. A cultura do *hip hop* é a possibilidade de expressão e construção de uma identidade do jovem da periferia, na maioria afro-descendentes. Essa vivência de grupo no movimento hip hop é chamada de *arquetipo da fratria*, conforme Barcellos (2003):

É cada vez mais nítida a presença do arquetipo fraterno, sua necessidade e sua atuação, igualmente no campo social, onde as ações institucionalizadas do Estado (especialmente na América Latina) dão crescentemente lugar às ações mais significativas e cada vez mais importantes das diversas solidariedades, por exemplo na proliferação e no trabalho das ONGs nos mais variados planos da

vida pública e da experiência humana comum.(apud SCANDIUCCI , 2005, p. 16).

Ainda seguindo o raciocínio de Barcellos (2003), o impacto do irmão se traduz na experiência de assimilação e apreciação da diversidade. É importante frisar que ao dizer “irmão” o autor não se refere somente ao laço de sangue, podendo ser o da amizade também. Em entrevista, Mano Wilson, MC da Aurenny III, diz que seria acolhido em qualquer lugar do mundo onde haja movimento *hip hop*. Assim, o *hip hop* possibilita ao habitante da periferia a experiência profunda da frataria.

3 O Movimento *Hip Hop*

De acordo com Contador (1997), o termo *hip hop*, foi criado em meados de 1968 por Afrika Bambaataa, reconhecido como fundador oficial do *hip hop*. Ele teria se inspirado em dois movimentos cíclicos, ou seja, um deles estava na forma pela qual se transmitia a cultura dos guetos americanos, a outra estava justamente na forma de dançar popular na época, que era saltar (hop) movimentando os quadris (hip).

Segundo Big Richard (2005), são quatro elementos do *hip hop*: MC (compositor do rap), DJ (artista e técnico que mistura músicas diferentes para serem ouvidas e/ou dançadas, usando suportes como vinil, CD ou arquivos digitais sonoros para "tocar), Break Boy /ou Break Girl (B.Boy - dançarinos) e Grafiteiro. “Entre eles, as diferenças são grandes, porém todos têm um objetivo comum: a transmissão de uma mensagem consciente, relacionada com a realidade

vivida em seu meio de origem...” (BIG RICHARD, 2005. pág. 38).

Acompanhando a definição de Diógenes (1998, p.121) a idéia básica do movimento é a de constituir canais de atuação e de aglutinação entre jovens através da cultura e da arte. Segundo Diógenes a definição dos elementos do *hip hop* : a) Expressão corporal – O break é uma dança de grande impacto visual, acrobática e estética, mundialmente conhecida. Surgiu nos Estados Unidos na década de 60. Foi uma forma que os jovens pobres norte-americanos encontraram para simbolizar a situação dos jovens soldados que se encontravam na guerra do Vietnã (os mutilados da guerra). b) Relato musical – O RAP (rhitym and poetry) caracteriza-se pelo enfoque político que é dado nas letras e o número reduzido de batidas por minuto (BPM). Surgiu nos bairros pobres da Jamaica a partir do improvisado de poemas falados em cima de trechos de antigas músicas negras e logo foi transportado para as favelas dos Estados Unidos onde desenvolve-se como alternativa de diversão para os garotos e garotas pobres que não podiam pagar entrada nos clubes da sociedade. c) Manifestação gráfica-plástico. O Real-Grafitte – estilo de desenho de traços livres e efeitos visuais, caracterizado, principalmente, pela diversidade de tonalidades e cores utilizadas, pode ser feito em paredes, roupas e telas. Trata, principalmente, de temas sociais.

O quarto elemento, não definido por Diógenes (1998), é o DJ. Foi o jamaicano Kool Herc que pensou na utilização de dois toca-discos repetindo o mesmo trecho, que chamamos de breakbeat (batida) de um vinil. Deste modo, o DJ poderia aumentar e controlar o tempo da música o quanto quisesse. (ELEMENTO..., 2006, on-line).

Atualmente o *rap* possui 25 gêneros: Gangsta Rap, New Jack Swing, G-Funk, Go-Go, Alternative Rap, Bass Music, East Coast Rap, Hardcore Rap, Jazz-Rap, Old School Rap, Quiet Storm, Southern Rap, West Coast Rap, Latin Rap, Pop-Rap, British Rap, Contemporary R&B, Dirty Rap, Foreign Language Rap, Party Rap, Underground Rap, Turntablism, Dirty South, Political Rap, Golden Age (LISTA... , 2006, on-line).

3.1 O Hip Hop nos Estados Unidos

Os Estados Unidos da América, considerado o berço do movimento *hip hop*, atualmente não lembra nem de longe o que foi o movimento nos anos 60 e 70. O que começou como um movimento de rebeldia foi se tornando aos poucos produto da indústria cultural. O sucesso do *hip hop*, principalmente do rap, cresceu na década de 1980, no entanto tomando uma nova roupagem. (GANGSTA RAP, 2006, on-line).

Gangsta Rap é um subgênero do rap, mas com letras que fazem apologia ao sexo, drogas e violência. Geralmente, os autores têm problemas com a lei, alguns inclusive tem ou já tiveram envolvimento com gangues. Figuras como Ice-T, Snoop Dogg, Tupac Shakur, entre outros, já passaram pelos tribunais por atividades relacionadas com o tráfico, assassinatos, etc. (GANGSTA RAP, 2006, on-line).

3.2 O Hip Hop no Brasil

O nome *hip hop* surgiu no Brasil na década de 80. O *hip hop* brasileiro é diferente do norte-americano. Apesar de existir uma ten-

dência de apropriação de alguns símbolos de uma cultura negra internacionalizada - como as roupas - dando a impressão de um movimento globalmente mais uniforme, as muitas diferenças que separam brasileiros e norte-americanos ajudam a determinar, no Brasil, um Hip Hop diferenciado. (A CONSTRUÇÃO ..., 2006, on-line).

As letras retratam o cotidiano vivido. A falta de escola, emprego, saúde e lazer são tema para os quatro elementos do *hip hop*. Como podemos observar nesta letra do grupo de Rap, Racionais MC:

Equilibrado num barranco incômodo,
mal acabado e sujo, porém, seu único lar,
seu bem e seu refúgio. Um cheiro horrível
de esgoto no quintal, por cima ou por baixo,
se chover será fatal. Um pedaço do inferno,
aqui é onde eu estou. Até o IBGE
passou aqui e nunca mais voltou (...)

Sim, ganhar dinheiro, ficar rico, enfim,
quero que meu filho nem se lembre daqui,
tenha uma vida segura. Não quero que ele
cresça com um "oitão" na cintura e uma "PT"
na cabeça (Racionais, Um Homem na Estrada, 1992)

Do cotidiano nas periferias brasileiras – principalmente das metrópoles - sai essa cultura visceral baseada na rebeldia. Invisível a maior parte do tempo, esse mundo só chama a atenção no momento em que deixa de ser dança e música e se torna violência. (O HIP..., 2006, on-line).

4 Sobre A Microtribo de Palmas

4.1 A Última Capital Planejada do Século

Tocantins é o mais novo estado da Federação e sua capital Palmas- a última cidade planejada do século - foi fundada em 20 de maio de 1989 e instalada dia 1º de janeiro de 1990. O nome Palmas foi escolhido em homenagem a Comarca de São João da Palma, sede do primeiro movimento separatista da região, instalada em 1809 na barra do rio Palma com o rio Paranã. O grande número de palmeiras, espécie nativa da região, foi outro fator que influenciou na escolha do nome (HISTÓRIA DE PALMAS, 2006, on-line).

De acordo com dados da Seduh - Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano e Habitação, o município de Palmas tem um plano diretor que é dividido em quadras, subdivididas áreas residenciais (Arnos, Arses, Arsos, Arnes) e comerciais (ACCS, ACVS, AA, etc), semelhante à Brasília.

No entanto, paralelo ao povoamento dessas quadras, novas áreas fora do plano diretor foram invadidas, formando bairros. Hoje, Palmas possui 20 bairros periféricos, sendo 18 na região Sul (Aureny I, Aureny II, Aureny III, Aureny IV, Taquari, Taquaralto, Santa Fé, Santa Fé II, Morada do Sol I, Morada do Sol II, Morada do Sol III, Sol Nascente, Santa Bárbara, Santa Helena, Maria Rosa, Taquaruçu 2ª etapa, Irmã Dulce e União Sul) e dois na região Norte (Santo Amaro e Água Fria).

Segundo pesquisa populacional (2003) divulgada pela Prefeitura de Palmas, 67% da população estava concentrada nas regiões periféricas, levando em consideração que a

população da Capital naquela época era de 147 mil habitantes. Atualmente esse número subiu para 208 mil habitantes, e novos bairros foram criados, o que leva a acreditar que cerca de 80% dos moradores de Palmas moram nos subúrbios. Na periferia as condições de habitação, saneamento e transporte são semelhantes a outras capitais brasileiras. Um trabalhador que mora em Taquaralto, um dos principais bairros da região sul, gasta uma hora (ônibus coletivo) do centro da cidade até seu bairro.

No bairro Santo Amaro, região norte, os casebres construídos com palha e barro são comuns, não possui asfalto, energia, água encanada e o serviço de coleta de lixo não chega, destoando dos dados oficiais da Prefeitura de Palmas.

As Arnos – Área Residencial Norte, também conhecida como Vila União, de acordo com a pesquisa de 2003, possuía 38.961 habitantes, ou seja, quase 27% da população palmense concentrava-se naquela região. De acordo com a assessoria de comunicação da Seduh, apesar de estar incluída dentro do plano diretor, as Arnos têm características de periferia, pois em 1992 foi invadida.

4.2 Histórico dos Grupos

Segundo um dos rappers mais antigos de Palmas, MC Rock Jr, o movimento *hip hop* começou em 1996, na região norte (Arnos) da Capital. Mano Júnior, mais conhecido como “Branco”, influenciado pelo movimento de Araguaína – cidade que fica na região norte do Tocantins-, começou com o break.

Mas só dois anos mais tarde o *hip hop* iria ganhar força na Capital. Atualmente existem 19 grupos do gênero em Palmas. Eles se concentram nas Arnos e nas Aurenys, que se-

gundo Rock Jr, coincidentemente são as duas regiões mais discriminadas da Capital.

Grupos como Fisionomia do Rap, IML, Testemunho das Ruas, Atitude das Ruas, Rock Jr e MCs, Sombras do Hip Hop, Das Antigas, Sabedoria Divina, Versos das Ruas, entre outros atuam na cidade. Eles participam de apresentações, feiras, seminários mostrando as músicas, as mensagens que protestam contra a violência e a injustiça. “A realidade local nos inspira a compor as músicas”, explica o MC Mano Wilson do Fisionomia do Rap (Aurenys). O grupo é composto por seis integrantes, sendo três vocalistas e cinco dançarinos.

O movimento dá mostras de organização, em 2005 foi criada a Associação da Comunidade *hip hop* do Estado do Tocantins. A orientação para que os grupos se organizem facilita a execução de ações em parceria com o poder público e a sociedade civil.

O rapper Maninho, do grupo Estilo Brutal, avaliou a associação de forma positiva. “Se é para melhorar o movimento, é muito importante. A nossa luta é coletiva e buscamos o reconhecimento e a organização do movimento para que cada um possa ajudar a sua comunidade, seja por meio do rap, do break, do grafite, ou do DJ,” afirma, referindo-se aos quatro elementos do *hip hop*.

Por meio da arte, o movimento está contribuindo para que meninos e meninas fiquem longe das drogas e da violência. “Pedimos somente reconhecimento da sociedade, espaço para apresentações artísticas, bem como a integração do *hip hop* em eventos culturais”, disse MC Sombra.

No entanto, há menos de um mês, o presidente da Associação da Comunidade *hip hop* do Estado do Tocantins, MC Wilson, que não faz parte de nenhum grupo de *hip hop* de Pal-

mas, mora no plano diretor, candidatou-se a deputado estadual no pleito 2006.

Quanto ao movimento social dos hip hoppers palmenses acontece de forma isolada. Mano Wilson, dos Aurenys, desenvolve um trabalho com 70 crianças no colégio municipal Maria Júlia. Mano Sombra, das Arnos, profere aulas de break para 600 crianças. Os trabalhos são mantidos em parceria com o governo municipal e federal, através do programa Escola Aberta à Comunidade.

A Associação da Comunidade *hip hop* do Estado do Tocantins não está à frente de nenhum projeto social, não faz reuniões periodicamente com seus associados e não possui nenhum meio de comunicação, como acontece com o movimento em São Paulo, por exemplo, que possui desde rádio comunitária, revista, jornal até portal na Internet.

De acordo com Mano Marquinho, dono da loja Conexão Hip Hop, a falta de apoio para a realização de eventos e programas sociais é o principal empecilho, mas assume que falta harmonia entre os membros do movimento. “Precisamos nos unir e lutar pelo que queremos”, ressalta Marquinho.

A loja Conexão Hip Hop, que fica na Arno 31, comercializa roupas e acessórios do movimento *hip hop* serve como um ponto de encontro dos hip hoppers.

4.3 Identificação dos Grupos

Para apresentar o movimento *hip hop* em Palmas realizou-se um levantamento dos grupos da Capital. Dos 19 grupos identificados e abordados pela pesquisa, 10 (52%) responderam o questionário.

Dos 10 grupos que participaram da pesquisa 69% são moradores da região norte da Capital, e 31% da região sul.

O movimento *hip hop* conta histórias fictícias ou reais de pessoas que vivem na periferia, baseadas na vivência na periferia. Para elas, o *hip hop* é uma forma de resistência e mudança da realidade.

Dos 10 líderes dos grupos que responderam os questionário, 8 moram há mais de 7 anos em Palmas, representando 80% do universo pesquisado. Os estados de procedência dos grupos pesquisados são Maranhão, Pará, Piauí e Goiás.

O tempo de formação dos grupos variam de 6 meses a 12 anos. Segundo o rapper Mano Sombra, das Arnos, a falta de incentivo e a pressão em casa são os principais motivos para o abandono da atividade.

A faixa etária dos componentes dos grupos fica entre 16 e 27 anos. Para o MC Marquinho, a juventude é o principal foco do movimento *hip hop*. “Denunciamos, informamos e divertimos os jovens da periferia...levando através de nossa música, grafite e dança mensagens positivas”, explicou Marquinho.

Apesar do *hip-hop* ser um espaço que permite aos jovens das periferias inserirem-se na sociedade de forma politizada e crítica, a imagem dos jovens ligados ao movimento nem sempre foi positiva. Os meios de comunicação construíram imagens e representações de uma forma muito negativa, do delinquente juvenil, como se eles fossem uma espécie de inimigo número um das cidades.

Quanto ao nível de escolaridade dos componentes dos grupos de *hip hop* de Palmas, a pesquisa mostra que 5% possuem superior incompleto. Outros 50% possuem nível médio completo, 30% nível médio incompleto e 15% nível fundamental completo.

Baseado ainda no questionário aplicado, nenhum grupo possui sede própria para a re-

alização dos ensaios. As reuniões acontecem na casa de amigos ou na loja Conexão Hip Hop, que é uma espécie de ponto de encontro dos hip hoppers da cidade.

Discorrendo sobre as características específicas dos grupos de *hip hop* de Palmas, a divulgação das ações realizadas pelos grupos é feita boca a boca entre a comunidade, por panfletagem independente ou grafitadas nos muros.

Com relação ao relacionamento do movimento *hip hop* e a mídia palmense, os grupos foram unânimes em definir como “bom”, procurando um bom relacionamento com a imprensa local, enviando sugestões de pauta, sendo que algumas merecem cobertura pela mídia habitual.

Quanto aos patrocinadores dos eventos, também, 100% dos entrevistados responderam que é o próprio movimento que financia os eventos. Segundo MC Marquinho, proprietário da loja Conexão Hip Hop, sempre que vão pedir patrocínio levam um não, seja de órgãos públicos ou da iniciativa privada. “Fica difícil fazer qualquer coisa aqui na comunidade”, disse Marquinho.

Questionados quanto à discriminação da mídia em relação ao movimento, eles também foram unânimes em responder que sim. Resposta repetida, quando feita a mesma pergunta em relação à sociedade.

“O jornal vem aqui quando alguém morre, quando alguma casa é assaltada, quando prendem alguém, fora isso aqui é um lugar que repórter não vem muito não. Nem TV, nem jornal, nem rádio. Por falar em rádio aqui nem programa de rádio que toca rap tem, aliás, nem rap toca no rádio, a não ser aqueles que estão na moda, ou *funk*”, disse MC Marquinho.

Nenhum grupo é filiado à associação ou

entidade, no entanto gostariam de que fosse criada uma. Durante as entrevistas, sintetizadas no documentário *Suburbanus*, podemos notar a longa distância que o movimento hip hoper palmense está do movimento nacional. Os grupos são dispersos e não lutam em conjunto pelo idealismo do movimento. Não sabem quem são e onde estão. Não tem organização e não possuem um líder.

5 Considerações Finais

Devido ao crescimento das cidades, a vasta aglomeração de pessoas, e o enfraquecimento das instituições sociais (governo, sindicatos, etc) criam-se tentativas de respostas ao sentimento de massificação como: a difusão de estilo de vida diferenciada e a experimentação que tenta criar novas unidades sociais, mais afetivas para os indivíduos.

O encontro do “outro” organizado em grupos (punks, funkeiros, pagodeiros) representa a tentativa de resposta e remédio para o sentimento de solidão urbana e permite o uso criativo na elaboração de códigos e regras. Que em outras palavras vem tentar solucionar a “crise de identidade” tão comum atualmente.

A exaltação das diferenças, na sociedade pós-moderna, torna-se explícita através das tribos urbanas. Podemos constatar que ser diferente de alguns sendo “igual” a outros é a máxima do individualismo contemporâneo.

Maffesoli (1987, p.16) define o neotribalismo como um sujeito coletivo vivendo numa comunidade emocional em oposição ao modelo de organização racional típico da sociedade moderna. Assim, nas tribos o que conta é o estar junto. Tal afirmação foi confirmada neste trabalho de pesquisa que to-

mou como amostra o movimento *hip hop* em Palmas.

Em um primeiro momento comprovado, através de pesquisa bibliográfica, é que o movimento *hip hop* é genuinamente oriundo da diáspora negra e que nos anos 60 foi aglutinando outras culturas, como o break, que originou-se das danças dos soldados latinos que voltavam do Vietnã.

A sociedade fragmentada cria a crise de identidade. Em Palmas, essa busca de papéis no *hip hop* ocupa o lugar identitário para um grupo de indivíduos, a maioria do sexo masculino, de classe popular, de origem negra, que embora sem consciência política do movimento *hip hop* encontra na sua atitude a alternativa para a falta de trabalho e a dificuldade de ascensão escolar que a sociedade tanto cobra.

Em Palmas o *hip hop* é um movimento incipiente, principalmente no que se refere à resistência a cultura tradicional e serve de base identitária e emocional para seus integrantes. É no *hip hop* que eles se encontram e se definem, mesmo que temporariamente. A pesquisa aponta que diferentemente do restante do Brasil, principalmente São Paulo e Rio, os grupos hip hopeiros palmenses são isolados, não interagem e desconhecem a realidade vivida no cenário nacional, como as lutas pela melhoria da qualidade de vida, a deficiência no sistema penitenciário, os projetos sociais implementados através do movimento *hip hop*.

Neste sentido, Mano Sombra, da região das Arnos, faz um trabalho de break (dança) com 600 crianças, no entanto, se houvesse cooperação com os outros membros do movimento, poderia ser ampliado e inserido novas atividades como grafite e composição de músicas.

Dos 19 grupos identificados, apenas 10 responderam ao questionário. Dos 10 grupos que participaram da pesquisa 69% são moradores da região norte da Capital (Arnos), e 31% da região sul (bairros). Apenas um grupo é do plano diretor (Altruístas), mesmo assim, os mesmos, residiam anteriormente na região dos Aurenys.

Vindos dos estados do Maranhão, Pará, Piauí e Goiás, eles moram há mais de 7 anos em Palmas, representando 80% do universo pesquisado, devido a falta de perspectiva no grupo eles desistem tão rápido, quanto formam os grupo. Segundo Mano Wilson, do Aurenys I, Palmas já teve mais de 25 grupos de *hip hop*. A pesquisa revelou que a faixa etária dos componentes dos grupos fica entre 16 e 27 anos.

A comunicação no movimento é feita boca a boca entre a comunidade, por panfletagem independente ou grafitadas nos muros, comprovando a independência de comunicação do movimento, um dos itens mais preservados pelos hip hopeiros.

Com relação ao relacionamento do movimento *hip hop* e a mídia palmense, os grupos foram unânimes em definir como “bom”, procurando um bom envolvimento com a imprensa local, no entanto quando questionados se sentem preconceito da sociedade e da mídia a resposta foi afirmativa.

Ainda baseado na pesquisa o DJ, um dos quatro elementos que compõem a cultura *hip hop* é inexistente no movimento em Palmas. Quanto aos outros elementos - break, MC e grafite – são amplamente difundidos entre os grupos. As letras dos raps carregam mensagens positivas de otimismo e paz. “Sempre tentamos passar o que há de bom na vida, como um trabalho honesto e o não uso

de drogas”, enfatiza Mano Marquinhos, da Arno 31.

Desta forma, pressupõem-se que o movimento *hip hop* em Palmas, apesar de descaracterizado do movimento nacional - principalmente no que se refere à construção de uma consciência política - busca firmar-se como mais um movimento gerador de conceitos, contestações e de resistência à ordem institucionalizada. É ele, o *hip hop*, que oferece espaço identitário e sociabilidade para seus integrantes, jovens, do sexo masculino, mestiços, com grau de escolaridade baixa e pobres, que excluídos, encontram no movimento a sua tribo.

6 Referências bibliográficas

- A CONSTRUÇÃO DO HIP HOP. *Dança de rua*, 2006. Disponível em <<http://www.dancaderua.com.br/historia.htm#hiphop02>>. Acesso em: 12 ago 2006
- A HISTÓRIA DO HIP HOP, *Dança de rua*, 2006. Disponível em <<http://www.dancaderua.com.br/historia.htm#hiphop02>>. Acesso em: 12 ago 2006
- BIG RICHARD. *Hip Hop consciência e atitude*. São Paulo: Livro Pronto. 2005. 140 p.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*, Rio de Janeiro: 4ª ed. UFRJ, 1999. 292 p.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*, trad. Ana Regina Lessa e Heloísa P. Cintrão, São Paulo: EDUSP, 1997. 388 p.
- DIÓGENES, Glória. *Cartografias da cultura e da violência: guangues, galeras e o movimento hip hop*, São Paulo: Anablume, 1998. 246 p.
- ESCRAVIDÃO NO BRASIL - ESCRAVOS NO BRASIL. *História do Brasil*, 2006 Disponível em <<http://www.historiadobrasil.net/escravidaoo/>>. Acesso em: 10 ago 2006.
- ESCRAVIDÃO NO BRASIL. Wikipedia. 2006 Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Escraavid%C3%A3o_no_Brasil>. Acesso em: 10 ago 2006
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*, trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro, Rio de Janeiro, 9ª ed. DP&A, 2004. 102 p.
- HIP HOP. *Dança de rua*, 2006. Disponível em <<http://www.dancaderua.com.br/historia.htm#hiphop02>>. Acesso em: 12 ago 2006
- HISTÓRIA DOS RITMOS. *Núcleo de Dança Stella Aguiar*, 2006, Disponível em <<http://www.stellaaguiar.com.br/historiadoritmo/historiadosritmos.htm#hiphop>>. Acesso em : 4 ago 2006.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo na sociedade pós-moderna*, trad. Maria de Loudes Menezes, trad. do anexo e do prefácio Débora de Castro Barros, apresentação e revisão técnica Luiz Felipe Baeta

- Neves, Rio de Janeiro: 4ª ed. Forense Universitária, 2006. 298 p.
- PIMENTEL, Spensy. *O livro vermelho do hip hop*, 1997. Monografia (Conclusão do curso de graduação em Jornalismo). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 1997.
- RACIONAIS MC'S. *Sobrevivendo no inferno*: Cosa Nostra Fonográficas, 1998. 1 CD
- RAP, *Movimento hip hop*, 2006 Disponível em <<http://www.movimentohiphop1.hpg.ig.com.br/histor.htm>>. Acesso em: 28 jun 2006
- RIBEIRO, R.I. Identidade do afro-descendente e sentimento de pertença a networks organizados em torno da temática racial. In: BACELAR, J.; CAROSO, C. (Org.). *Brasil: um país de negros?* Rio de Janeiro & Salvador: Pallas/CEAO, 1999. p. 235-252.
- REVOLUÇÃO INDUSTRIAL. *Vestígios Home Page*, 2006, Disponível em <<http://www.vestigios.hpg.ig.com.br/revolucaoindustrial.htm>>. Acesso em 10 ago 2006.
- SABBATINI, Renato, *Nascimento das cidades*, Jornal Correio Popular de Campinas, 2000. Disponível em <<http://www.sapereaudare.hpg.ig.com.br/historia/texto01.html>>. Acesso em: 12 ago 2006.
- SCANDIUCCI, G. *Juventude negro-descendente e a cultura hip hop na periferia de São Paulo*: possibilidades de desenvolvimento humano sob a ótica da psicologia analítica. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005
- SILVA, J.C.G. *Rap na cidade de São Paulo*: música, etnicidade e experiência urbana. 1995. Tese (Doutorado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.